

ALGUMAS CRENÇAS SOBRE O BILINGUISMO

**JÚLIA COSTA MENDES;
ISABELLA MOZZILLO**

*Universidade Federal de Pelotas – julia.ufpel@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas - isabellamozzillo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende compreender a visão do sujeito bilíngue sobre seu próprio bilinguismo, assim como a visão do leigo sobre a aprendizagem de dois ou mais idiomas. Para isso, serão levantadas questões relacionadas ao comportamento do indivíduo bilíngue no que tange à cultura, à capacidade cognitiva e ao próprio conceito de bilinguismo. Esta proposta busca melhor entender os mitos referentes ao que se acredita ser um bilíngue e o quanto e como a aquisição de uma língua estrangeira interfere no âmbito social.

Dessa forma, de acordo com Mozzillo (2001), entre falantes monolíngues e falantes bilíngues, encontram-se todos os indivíduos consideráveis bilíngues. Portanto, pertencem à categoria dos bilíngues desequilibrados os aprendizes recentes de outra língua (bilíngues incipientes) assim como aqueles que apenas leem em outro sistema ou ainda os que não querem ou não conseguem falar outra língua por razões pessoais ou de competência, mas a compreendem bem (bilíngues passivos ou receptivos). Ainda nesse sentido, também são considerados bilíngues desequilibrados aqueles falantes que atingem alto nível de desempenho em todas as habilidades linguísticas de uma língua, mas que ainda assim não conseguem passar por nativo quando avaliados por um. No entanto, os que conseguem, são considerados bilíngues equilibrados ou equilíngues, por serem justamente capazes de se comunicarem e passarem por nativos de duas ou mais línguas.

Para Selinker (1972), esse novo sistema adquirido, a língua produzida por um indivíduo e que está entre sua língua materna e a língua alvo, é denominado interlíngua. Portanto, este é considerado um terceiro sistema linguístico, pois não está completamente adquirido e é individual. Ainda no mesmo sentido, a interlíngua do aprendiz existe a partir do momento em que ele dispõe de pelo menos alguns aspectos básicos da língua alvo. Desse modo, o nível de interlíngua do falante pode ser ou não elevado, o que não compromete o seu bilinguismo.

No entanto, muitas pessoas ainda acreditam ingenuamente que o sujeito bilíngue é aquele que tem a capacidade de compreender e produzir todas as habilidades linguísticas de um determinado idioma perfeitamente. Este é um mito que tanto falantes monolíngues e bilíngues como muitos estudantes da área de Letras acreditam ser uma verdade.

É importante destacar também que atualmente, de acordo com Harding e Riley (1986), mais da metade da população mundial é bilíngue, o que implica que a minoria seja monolíngue. Esta é uma questão bastante importante e que está diretamente ligada ao conceito de bilinguismo. Assim, erroneamente muitas pessoas ainda consideram um indivíduo bilíngue aquele que dispõe de um alto nível de proficiência em todas as habilidades linguísticas, ainda que, na verdade, o sujeito não monolíngue seja aquele capaz de compreender ou produzir pelo menos uma das habilidades em alto ou baixo nível de interlíngua.

Isto posto, pretende-se melhor entender a visão que o falante bilíngue tem

acerca do seu próprio bilinguismo, assim como a visão da sociedade diante de um indivíduo bilíngue. Pretende-se também investigar a relevância que a convivência com mais de um idioma pode apresentar na vida de um indivíduo.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, será proposto um questionário contendo perguntas relacionadas à opinião dos entrevistados sobre questões referentes ao bilinguismo, como o comportamento do bilíngue com relação a si e aos outros. Os informantes serão divididos em 3 grupos de aproximadamente 10 pessoas, sendo estes: grupo de estudantes de Letras bilíngues; grupo de estudantes ou já graduados bilíngues de outras áreas; grupo de pessoas fora da universidade não bilíngues.

O questionário dispõe de 11 perguntas cuja ordem de apresentação é de extrema importância para a construção de sentido do tema pesquisado. A proposta é colher informações sobre o bilinguismo do informante e sobre a relação que essas línguas têm na vida do falante. Com isso, somente no final é questionado o conceito de bilinguismo. As perguntas são: Que idiomas você fala?; Desde quando você fala esses idiomas?; Em que situação você aprendeu esses idiomas?; Qual a relação que essas línguas têm para você?; O nível de conhecimento das línguas sempre foi o mesmo?; Você já sofreu algum tipo de preconceito por falar alguma das línguas?; Você acredita que bilíngues são mais inteligentes que monolíngues?; Você acha que o bilinguismo é algo positivo ou negativo? Por quê?; A identificação da cultura faz você se sentir mais ou menos bilíngue?; Você se considera uma pessoa bilíngue? e O que é bilinguismo na sua concepção?

É importante destacar que os informantes serão selecionados de acordo com o seu bilinguismo, sabendo eles ou não que fazem parte deste grupo. A proposta da pesquisa é justamente entrevistar indivíduos bilíngues que podem não compreender corretamente o seu próprio bilinguismo, assim como indivíduos monolíngues que podem ou não ter mais informações sobre o assunto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa está em andamento e em fase inicial, pois ainda não foram colhidos todos os dados necessários para que se possa verificar a proposta. No entanto, sabe-se que ainda hoje existem muitos mitos relacionados ao que é de fato um indivíduo bilíngue e de que maneira a aquisição e a utilização de uma língua estrangeira interferem no comportamento social das pessoas.

Dos dados colhidos até o presente momento, já foi possível confirmar algumas das hipóteses levantadas. Em uma entrevista feita com um informante pertencente do grupo de bilíngues graduados em Letras, após este afirmar que dispõe de pelo menos uma das habilidades das línguas inglesa, espanhola e francesa, sua resposta para a pergunta “Você se considera um bilíngue?” foi negativa. Após bastante hesitar sobre o considerar-se ou não um bilíngue, o entrevistado ainda conclui que se sente bilíngue somente com o inglês, que foi a língua estrangeira estudada na graduação e, portanto, a de maior proficiência. Assim, logo em seguida, ao responder a pergunta sobre o conceito de bilinguismo, o mesmo informante reforça a ideia de ser bilíngue somente no inglês, pois este é o idioma em que as quatro habilidades da LE estão bem desenvolvidas.

Já na entrevista feita com um informante do grupo de bilíngues não estudantes de Letras, o resultado foi diferente. Ao ser questionado sobre quais idiomas falava, no entanto, logo na primeira pergunta, a resposta veio também em forma de questionamento: “mas de forma fluente ou..?”. Com isso, é possível notar que quando o assunto é bilinguismo, um dos primeiros conceitos que vem em mente é se o nível de conhecimento desse idioma é elevado ou não, para somente assim poder pensar se esta língua pertence ou não ao grupo de línguas dominadas por determinado indivíduo. Porém, depois de ter respondido as demais perguntas, ao ser questionado sobre considerar-se ou não bilíngue, o informante responde que sim, mas principalmente nos momentos de necessidade de expressão em outro idioma. Ele acrescenta ainda que se considera bilíngue apesar de poder falar de maneira “errada”, por não dominar totalmente tal língua.

Este mesmo informante conclui a sua entrevista dizendo acreditar que bilíngue é aquele que consegue se comunicar em uma ou mais línguas, ainda que o nível de proficiência não seja elevado. Ou seja, enquanto o entrevistado da área de Letras não se considerou bilíngue, apesar de ter pelo menos duas habilidades de três idiomas distintos, o entrevistado também bilíngue porém de outra área, conseguiu aproximar-se muito mais do verdadeiro conceito de bilinguismo.

É interessante destacar também outro assunto que surgiu no decorrer da entrevista com o mesmo indivíduo do primeiro caso aqui apresentado. Quando questionado sobre a relação que as línguas que domina têm em sua vida, o informante comentou que teria uma relação familiar e afetiva com o pomerano, caso sua avó parterna o tivesse ensinado a seu pai e a ele mesmo ainda quando criança. A justificativa por não ter sido apresentado ao idioma foi porque sua avó, ao falar português com bastante sotaque, sofria preconceito do próprio marido, que a corrigia frequentemente e desmerecia sua interlíngua em função da forte presença do pomerano.

Com isso, é possível notar que, infelizmente, tanto falantes bilíngues como monolíngues não compreendem o caráter natural e cultural que dispor de duas ou mais línguas tem. Do mesmo modo que pertencer a determinado Estado do Brasil e, portanto, pronunciar a vogal “e” mais aberta ou mais fechada não o torna, de maneira alguma, um falante menos possuidor do português brasileiro, falá-lo com interferência de uma outra língua também não. Assim, alguns falantes bilíngues se sentem inferiores aos monolíngues, o que não faz sentido algum.

4. CONCLUSÕES

A presente pesquisa ainda encontra-se em fase inicial, sendo necessária a apresentação de mais dados para que se possam verificar todas as hipóteses levantadas. No entanto, com as entrevistas feitas até o momento, alguns aspectos já esperados foram confirmados. Os informantes, sendo da área de Letras ou não, acreditam que bilíngues são os falantes de proficiência elevada em todas as habilidades, não considerando bilinguismo o conhecimento raso de um determinado sistema linguístico, apesar de que o informante, aqui apresentado, bilíngue e não pertencente do grupo de estudantes de Letras tenha apresentado uma boa resposta para o conceito de bilinguismo.

É importante destacar que, ao expor indivíduos a um questionário como o aqui proposto, que engloba diversas questões culturais e identitárias através do conhecimento de outras línguas, diversas questões podem surgir. Desse modo, acredita-se que ao analisar atentamente as entrevistas, será possível verificar várias questões referentes ao bilinguismo, assim como a influência que as línguas e suas culturas podem causar na construção de um indivíduo ou grupo social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEPREZ, C. **Les enfants bilingues: langues et familles**. Paris: Didier, 1994.

FERREIRA, M. **Uma visão do bilíngue acerca de seu bilinguismo**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pós-Graduação em Letras - Especialização), Universidade Federal de Pelotas.

HARDING, E.; RILEY, P. **The Bilingual Family: a Handbook for Parents**. USA, Cambridge University Press, 1986.

MOZZILLO, I. A conversação bilíngüe dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo : ensino e pesquisa em língua estrangeira**. Pelotas: Educat, 2001.

SELINKER, L. **Interlanguage**; IRAL, International Review of Applied Linguistics in Language Teaching, 1972.